

## Celso Alves Pais

### Título:

Timóteo, O Lavrador

### Texto:

Timóteo, um lavrador solteirão, vivia angustiado por não ter uma mulher. Depois de muito magicar, decidiu consultar a bruxa da sua aldeia, que era uma cartomante muito experimentada. Era a Tia Ermelinda. E lá foi, um pouco envergonhado, diga-se. Abriu-se e falou-lhe da tristeza em que vivia, rogando-lhe ajuda para que não tivesse de passar o resto dos seus dias sozinho. Queria uma mulher, custasse o que custasse. A Tia Ermelinda lançou as cartas, refletiu e disse-lhe:

- Olha, Timóteo, aqui as minhas cartinhas dizem-me que encontrarás a mulher que procuras numa rua onde, em tempos, viveram mouros; tem um chafariz no largo que lhe põe fim. Terás de bater a uma porta que tem o número vinte e nove. O resto é contigo. Se tiveres esperteza, trazes a rapariga para tua casa.

Cinco horas da manhã. Timóteo, que deixara a mala pronta na noite anterior, saiu da cama com entusiasmo. Daí a uma hora, o Joaquim teria a carroça pronta para o levar à estação. O macho ainda teria de trotar uma boa meia hora até lá chegar. O comboio partiria às sete e um quarto.

E o comboio partiu, levando lá dentro um homem cheio de esperança. Foram sete longas horas de viagem, mas Timóteo nem as sentiu. Cerca do meio-dia agarrou-se ao farnel que preparara na noite anterior. Chouriça cozida, bola de carne e queijo de cabra, que a sua navalha afiada cortava em fatias muito uniformes. Era um regalo vê-lo comer e beber. Quando chegou à capital a tarde ainda era uma criança. Passeou um pouco à beira do rio, sentindo na pele do rosto um afago da maresia. Enquanto deambulava, começou a pensar na forma de alcançar a tal rua onde estaria a mulher que as cartas anunciaram. O bulício da cidade excitava-lhe a confiança em si mesmo. Sentia-se protegido por tudo aquilo que as cartas da Tia Ermelinda tinham pressagiado.

Eram agora cinco horas da tarde. Sentou-se numa esplanada e mandou vir uma ginja. Bebeu-a dum trago. A esta, seguiram-se mais três. Agora, sim, estava preparado para enfrentar a sua demanda. Antes, porém, tratou de arranjar uma pensão para pernoitar. Por ali havia várias. Escolheu uma virada para o rio. Guardou a mala no quarto, tomou um banho, barbeou-se e toca a andar.

Já em plena rua, Timóteo dirigiu-se a um agente da polícia e perguntou-lhe onde ficava uma rua de um bairro de mouros, que tinha um chafariz no final.

- Olhe lá, você deve estar a brincar comigo, não? Então você acha que só há uma rua com chafariz, nesta cidade? - disse o polícia, numa atitude paternal.

Timóteo, não vendo animosidade nas palavras do agente, disse-lhe de onde vinha, e que era a primeira vez que visitava a capital. O polícia, ao ouvir a proveniência do provinciano, deu logo conta de que se tratava da região onde nascera o seu avô paterno. E acrescentou:

- Ah, isto agora muda de figura. Você não é de má terra, não senhor! Ora vamos cá ver: essa rua que me falou só pode ser no Bairro do Castelo. Mas, a pé, nem pensar, porque ainda é um bom bocado. Vá ali alugar uma charrete e diga ao condutor para o levar à Rua dos Tabelaões. Não pode ser outra.

- Ó Sr. guarda, nem sabe como lhe estou agradecido. Se o senhor não estivesse de serviço, íamos beber um copinho, os dois.

- Vá à sua vida, homem, e espero que resolva o que tem a resolver cá na capital.

Timóteo alugou uma charrete, e passados quinze minutos estava no início da Rua dos Tabelaões. As pernas tremiam-lhe e o coração batia com força. Estava perto da casa onde ia

encontrar a mulher para o resto dos seus dias. Bateram as sete horas no sino duma capela ali próxima. Sentiu fome e pensou que o melhor era meter qualquer coisa à boca antes de empreender tão exigente tarefa.

Havia um tasco, ali perto. Entrou e pediu um prato de torresmos, regando-os duas canecas de cerveja. Pagou, ajeitou o fato e toca a procurar o número vinte e nove. Foi andando e reparou que todas as casas tinham vasos nas varandas. E eram lindas aquelas flores.

Bailava no ar uma leve brisa, morna. Duas vizinhas falavam uma para a outra em varandas contíguas. Muito atento aos números das portas, Timóteo rapidamente reparou que a contagem estava a decrescer. Faltava pouco para chegar ao vinte e nove.

Chegou. Nas paredes da casa havia cartazes que anunciavam fados e guitarradas. Que seria aquilo? Tangeu o batente e veio atender uma mulher de compleição forte, por quem uns bons sessenta anos já tinham passado.

- Isto só abre às dez da noite, freguês! – Disse a mulher, com ar de coirão.

E fechou a porta. Faltava uma hora e meia para as dez. Timóteo estava confuso. Aquilo parecia-lhe uma casa de putas. Mas, não ia desanimar; talvez estivesse ali a mulher de que as cartam falaram. Voltou para o tasco. Pediu uma cebola com sal e um copo de três. Fez tempo. Entretanto, começou a preocupar-se com o retorno para a pensão. Tinha de arranjar uma charrete que o levasse de volta, com mulher ou sem mulher.

O silêncio ia-se instalando na Rua dos Tabelaões, à medida que a noite se insinuava na cidade. Timóteo sentia uma solidão ainda pior do que aquela de que padecia na sua casa da aldeia.

Mas o copo de vinho alegrou-lhe o coração e pôs-se novamente em marcha, na direção do número vinte e nove. Faltavam dez minutos para as dez, quando entrou no lupanar. A mulher que o atendeu da primeira vez olhou para ele com um certo desdém e comentou, para quem quis ouvir.

-Ora aqui temos um freguês apressado. Ainda não são dez horas.

Dois marmanjos com ar de proxenetas estavam encostados ao balcão. Sorriam entre dentes, ao ouvir as palavras da matrona. Um deles, com uma barba cerrada que não era cortada há três dias, tinha um cigarro encaixado na orelha, enquanto engolia avidamente o fumo do que estava aceso. Não tardaram a descer as raparigas da casa e assomaram a um pequeno estrado os dois músicos que iam a acompanhar a fadista.

Timóteo estava deslumbrado com a maneira como as raparigas tinham pintado os seus olhos. Entretanto, começaram a entrar na casa mais clientes e foi anunciado o nome da fadista, que apareceu à vista de todos com um belo xaile preto, bordado com flores amarelas, azuis e cor-de-rosa. O xaile caía-lhe sobre os braços. A fadista colocou as mãos nos quadris e atacou o primeiro fado.

Antes da música ter início, já uma das raparigas se tinha sentado na mesa de Timóteo. Nem um nem outro falaram. Quando acabou de ser cantado o primeiro fado, a moça disse para o lavrador:

- Então, é a primeira vez que você vem ouvir cantar o fado? Está a gostar?

Timóteo lembrou-se da Tia Ermelinda e deduziu que seria aquela a mulher que lhe foi prometida pelas cartas. E respondeu, de imediato:

- Lá na minha terra, não há mulheres fadistas, mas temos lá o Tio Serafim, que canta que é uma maravilha. E toca a guitarra enquanto canta. É na taberna da Maria Peruca. Mas é só quando lhe dá na veneta. Ora bem, vamos pedir qualquer coisa para beber enquanto não começa o próximo fado. Tu queres vinho ou cerveja?

A rapariga respondeu, com denodo:

- Eu bebia uma aguardente de medronho, se você não se importar.

- Pois que venha isso e uma caneca de vinho para mim.

O hálito de Timóteo não conseguia dissimular a cebola que tinha comido enquanto fazia horas para a abertura da casa de fados. A rapariga, de seu nome Maria dos Anjos, já percebera que no trabalhinho daquela noite tinha de suportar o cheiro a cebola que exalava da boca do seu cliente.

Vieram as bebidas para a mesa. Ela ergueu o copo de aguardente e fez um brinde. Depois do primeiro trago, Maria dos Anjos perguntou a Timóteo o que o trazia à capital. Ele, atônito, retorquiu:

- Então, não sabes? Eu venho buscar-te para te levar comigo para a minha aldeia. Uma velha, que lá deita as cartas, mandou-me aqui, e disse-me que aqui estava a mulher que me haveria de fazer companhia para o resto da vida. E olha que não vais mal. Tenho quatro grandes leiras, muitas vacas e porcos, e galinhas, nem sei quantas são. A ti, nada te vai faltar. Nem a algum vindouro que nos nasça. E, digo-te já, que não venho de carteira vazia.

Aquilo já era o vinho a fanfarrear, e Maria dos Anjos apercebeu-se logo que tinha a noite ganha. Manteve-se calada, enquanto ouvia Timóteo a gabar-se do belo milho que cultivava e do bom presunto que defumava. Tudo da sua lavra.

Ao fim do quarto fado, os guitarristas folgaram. Maria dos Anjos pediu licença para ir aos lavabos. Timóteo já esgotara a caneca e agora apetecia-lhe outra, desta feita, para festejar o novo rumo que a sua vida ia levar. Com o olhar turvado pelo álcool não se chegou a aperceber que a “sua” mulher estava a falar, junto ao balcão, com o homem de cigarro atrás da orelha. Regressou à mesa e disse a Timóteo:

- Bem, se vou ser a tua mulher, então festejemos. Venha mais aguardente, e vinho para ti.

- Pois que venha, que quem paga é o homem com quem te vais casar na minha aldeia!

Começava a falar alto, mas, no meio da vozaria da clientela, a sua voz não chegava a sobressair. Fizeram outro brinde. Timóteo ria-se como um louco, porque não conseguia conter a excitação que aquele momento lhe gerava. Porém, ainda a caneca ia a meio, começou a sentir uma grande sonolência e confessou isso à companheira. Ela, que esperava há alguns minutos esta ocasião, propôs-lhe o seguinte:

- Olhe lá, não era melhor você ir lá em cima, ao meu quarto, descansar um bocado, e depois voltamos para aqui?

- Tens razão, eu só preciso de dormir uma hora, e fico logo fresco. A noite é nossa. – Disse o lavrador, com a voz arrastada.

Levantou-se, a custo, amparado nos ombros de Maria dos Anjos. Lá se arrastaram até às escadas de madeira, que davam acesso aos quartos das raparigas da casa. Ao longe, o proxeneta presenciava a cena e ria-se para o amigalhaço com quem estava ao balcão, emborcando cervejas, umas atrás das outras. Foi este meliante que, sem ninguém dar conta, introduziu na segunda caneca de vinho do Timóteo um pó que o haveria de arrochar por completo. Estava combinado com a prostituta.

Com bastante esforço, Maria dos Anjos conseguiu deitar o seu cliente na cama. Parecia chumbo. Mal se estendeu no leito do prostíbulo, Timóteo começou a rressonar, que até parecia um porco. A oportunidade estava agora a oferecer-se à ladra. Num ápice, alcançou a carteira do infeliz e deixou-lha completamente vazia. Depois, fez um pouco de tempo. Não tinha passado um quarto de hora e entrava no quarto do proxeneta e o seu compincha.

A prostituta voltou ao rés-do-chão, descendo pé ante pé as escadas, exatamente na altura em que a fadista rasgava mais um fado, numa atitude brejeira. Ninguém deu conta do seu regresso ao salão. Todos tinham o olhar fixado na fadista.

Entretanto, lá em cima no quarto, os dois safados abriam a porta do quarto que dava para o pátio das traseiras. Era aí que estava uma carroça que haveria de transportar o corpo adormecido de Timóteo. Pegaram-lhe pelas pernas e pelos braços e depositaram-no na carroça.

Já passava da meia-noite e não havia viva alma na rua. Só o som dos fados inundava o ar. Com todo o à vontade, os dois meliantes – cada um agarrando uma haste da carroça – percorreram cerca de um quilómetro, até chegarem a uma rua que tinha um pequeno jardim ao centro. Foi aí que abandonaram Timóteo, que continuava a dormir profundamente e a rressonar como um javali. O pobre coitado ali ficou estatelado, ao relento, até às cinco da manhã. O dia dava mostras de querer raiar. O arrebol matinal exibia a sua imponência, com as nuvens a arder, num tom alaranjado.

Muito perto do jardim onde depositaram o corpo inerte de Timóteo, passava, entretanto, uma padeira, que ia buscar o pão para distribuir às freguesas. A mulher estugou o passo, logo que identificou a silhueta de alguém, estendido na relva. Aproximou-se um pouco mais e concluiu que era um homem, talvez um vagabundo sem teto. Sentiu-o ressonar e, instintivamente, perguntou:

- Ei! Você está bem?

Como não tivesse ouvido qualquer resposta, tocou ao de leve no corpo Timóteo dando conta que estava gelado. Decidiu ir pedir ajuda, pois havia ali perto uma esquadra de polícia. Não tinha andado uns dez metros, quando ouviu algumas palavras vindas do desgraçado:

- Onde é que estou? Ai Jesus, que estou perdido! Quem é que me trouxe para aqui?

A padeira voltou para trás. Aproximou-se de Timóteo e disse-lhe:

- Ó homem de Deus, você está regelado. Venha daí. A leitaria não tarda a abrir e você precisa de um café quentinho.

Lentamente, começaram a aflorar ao espírito do lavrador todas as peripécias da casa de fados. Deitou a mão à carteira, abriu-a ansiosamente e constatou o que mais temia: tinha sido roubado. Não lhe restava um chavo. E desabafou:

- Ó minha senhora, eu sou um homem de bem. Eu vim à capital; fiquei numa pensão e ontem à noite fui roubado.

- Quê? Roubaram-no lá na pensão? – perguntou a padeira, com toda a justeza.

- Não, minha senhora, eu fui a uma casa onde cantam o fado e onde havia mulheres da má vida. E foi lá que me roubaram.

A padeira estava agora intrigada sobre a razão que o trouxe à capital e não tardou a perguntar:

- Então, mas vossemecê veio à capital para ouvir fados?

Timóteo, muito ruborizado, evitou responder, limitando-se emitir um simples desabafo:

- Eu sou um infeliz, minha senhora. E não é por falta de dinheiro. Eu vim à capital à procura duma mulher, porque vivo só.

- Mas não há mulheres, lá na sua terra? – atalhou a padeira.

- Nenhuma me quis. E acabei por ir a uma...

- A uma quê?

Embargou-se a voz do lavrador e nada dela saiu, porque a ignomínia apoderou-se da sua carne. Numtom lamuriante, desabafou outra vez:

- Eu só queria regressar à minha terra. Mas, agora, nem dinheiro tenho para o comboio.

- Ó homem, tenha calma; alguma coisa se há de arranjar. Venha comigo à leitaria, que você precisa de um café bem quente. Não se preocupe com o dinheiro.

Dali abalaram para a leitaria. Timóteo caminhava, corcovado. Entrelaçou os braços no peito, para enganar o frio. De repente, assomou um pensamento à sua cabeça: “Ah, bruxa velha, que tu é que tens culpa disto tudo; quem sabe se não te mando para o outro mundo quando regressar à minha terra...”

Timóteo compôs a postura antes de entrar na leitaria. Aprumou-se um pouco. Antes de entrarem, a padeira tinha-lhe dado uma nota, evitando assim a vergonha de um homem tomar algo ali, à custa de uma mulher. Sentaram-se numa mesa junto a uma parede que tinha um quadro com dois comerciantes. Um deles, apresentava-se gordo e com ar de prosperidade; o outro, de aspeto cadavérico, exibia uma atitude depressiva, colocando a mão na cabeça, como um arruinado. Por baixo do homem gordo, estava escrita a frase: “Yovendí al contado”. E por baixo do escanzelado, a frase: “Yovendí a crédito”. Timóteo olhava o quadro, fixamente, e era para o comerciante arruinado que os seus olhos se direcionavam. Via-se todo ali.

Reparando no facto de o lavrador estar tão absorto, a padeira interveio:

- Ó homem de Deus, pare lá de magicar na vida. Você fica aqui, enquanto eu vou distribuir o pão às minhas freguesas. Depois, passo por cá e havemos de resolver alguma coisa.

Confortado com aquelas palavras, Timóteo desabafou:

- Você é uma santa mulher. Nem sabe como lhe estou agradecido. Se estivesse em minha casa,

havia de a recompensar, que eu não sou homem de passar necessidades. Tenho quatro leiras e muitas cabeças de gado. Já agora, você como se chama?

- Isaura. E você?

- Chamo-me Timóteo.

O sol lambia já alguns telhados, quando a padeira saiu da leitaria. Mais aconchegado pelo café de cevada quentinho, que acompanhou dois biscoitos de manteiga, o lavrador sentia uma réstia de esperança. Isaura haveria de voltar e, talvez, emprestar-lhe dinheiro para ele regressar à terra. Ali ficou, imóvel, numa paz ilusória, olhando para o quadro dos comerciantes. Depois, à medida que iam entrando outros fregueses na leitaria, a sua atenção descentrou-se do maldito quadro e olhou com satisfação para o rosto das pessoas, que bebiam o seu café com leite e tragavam um papo-seco com manteiga. Falavam e riam. Timóteo invejou-lhes a alegria matinal.

Sem dar por isso, Timóteo dormitou um pouco, apoiando o cotovelo na mesa e segurando a cabeça com a palma da mão. Despertou, mas não tardou a cair num sono mais carregado, desta feita, adotando uma postura de braços cruzados e cabeça caída sobre o peito. O dono da leitaria observava-o, de dentro do balcão.

Timóteo nem deu pelo tempo a passar. Eram já quase nove horas e meia quando sentiu um toque no braço e acordou. Era Isaura, que, tal como prometera, voltou à leitaria.

- Então, senhor Timóteo, isso é que é dormir, hem!

- Ó senhora Isaura, desculpe. Eu não aguentei o sono. Puseram-me qualquer coisa no vinho, lá na casa dos fados. Foi por isso que me encontrou no jardim. Os sacanas lançaram-me para ali, como um cão. Filhos da ... Oh, desculpe, que eu já nem sei o que digo.

Isaura sentou-se e mandou vir café com leite. Ficou em silêncio, olhando para o lavrador com olhos de piedade. A cabeça da mulher dava voltas sem fim; não sabia se era melhor ir-se embora ou propor ao homem que se fosse a casa dela para lhe lavar a roupa. Talvez lhe emprestasse o dinheiro para ele regressar à terra. Timóteo já não aguentava o peso daquele silêncio e disse a Isaura:

- Você já perdeu muito tempo comigo. Está na hora de voltar para a sua casa, para junto da sua família.

- Eu não tenho família, senhor Timóteo. – Respondeu, prontamente.

- Então a senhora vive sozinha?

- É verdade; sou viúva.

- Desculpe, não queria meter-me na sua vida.

- Não tem nada de mal, senhor Timóteo. Olhe, você vai a minha casa lavar-se e eu trato-lhe dessa roupa, que está imunda, e passo-lha a ferro. Você não pode voltar para a sua terra nesse estado.

Ao ouvir esta oferta, Timóteo reacendeu a chama do ânimo. Mas manteve um ar timorato e disse, simplesmente:

- Isso é muito trabalho para si, senhora Isaura. Você não tem obrigação nenhuma de fazer isso.

- Não se preocupe. Vou pagar o meu café com leite e, a seguir, abalamos.

E assim foi. Timóteo sentia agora o ar quente da rua e caminhava ereto, incapaz de dissimular a alegria que o inundava. Caminhavam os dois calados, como que já pairasse no ar um segredo, só deles.

A casa de Isaura não distava muito da leitaria. Não sendo um casebre, também não abundava em espaço. Era um rés-do-chão. Tinha uma pequena cozinha, um quarto e uma sala, exígua. Chegaram. A casa era um esmero, no que à limpeza diz respeito.

- Isto é pequeno, mas dá muito bem para mim – disse Isaura, num tom justificativo.

E o lavrador não conteve o sentimento que lhe invadiu a alma e desabafou:

- E vivo eu numa casa tão grande, na minha aldeia... Para que preciso eu duma casa tão grande, meu Deus? Para lá estar sozinho...

Isaura não fez qualquer comentário. Disse-lhe, entretanto, para ir ao quarto de banho tirar a

roupa e embrulhar-se num cobertor, depois de se lavar.

Isaura entregou-se à tarefa da lavagem da roupa de Timóteo e não demorou a fazê-la esvoaçar ao vento, numa corda do estendal que estava montado no pequeno quintal das traseiras. Dali a duas horas a roupa estava seca e Isaura agarrou-se ao ferro a carvão, para engomar as vestes do lavrador.

Timóteo tinha-se escanhado com o pincel e a navalha do falecido de Isaura. Agora parecia outro. Retomou aquela cor rosada nas bochechas. A sua anfitriã preparou um almocinho – uns ovos com toucinho, pão e caldo – e comeram juntos. Depois de almoço, ela convidou-o a irem dar um passeio ao parque de diversões e ele aceitou. De vez em quando, Timóteo dizia a Isaura, com um ar fanfarrão:

- Hei de mandar-lhe umas boas notinhas quando chegar à minha terra. Eu hei de recompensá-la, senhora Isaura.

- Não precisa de me tratar por senhora. Chame-me só pelo meu nome.

Regressam a casa quando a tarde se mostrava já carregada de nuvens e uma brisa fresca convidava ao aconchego de um teto. Ele, atacado, subitamente, pelo seu orgulho aldeão, exclamou:

- Pronto, Isaura, temos de nos despedir. Eu vou ver se arranjo para aí um albergue onde durma e amanhã vou à Misericórdia contar a minha situação, para ver se arranjo dinheiro para regressar à minha terra.

- Você é que sabe a sua vida, mas eu estava disposta a emprestar-lhe o dinheiro para o comboio. E estava também a pensar dar-lhe dormida esta noite em minha casa. Abria-se o divã que tenho na sala.

Todo ele se derreteu ao ouvir esta proposta. Rematou:

- Pois eu aceito, Isaura, mas hei de pagar-lhe, hei de pagar-lhe...

Recolheram à casa de Isaura e cearam juntos. Conversaram um pouco, depois da ceia e não tardaram a deitar-se.

- Boa noite, senhor Timóteo.

- Boa noite Isaura. Também gostava que não me tratasse por senhor.

A paz inundou o espírito do lavrador. O sono estava já a rondá-lo, mas, antes de adormecer, pensava na sua aldeia e, simultaneamente, nas horas que tinha passado com aquela mulher, que estava agora a dormir não muito longe de si.

A lua espreitava pela cortina da sala e espalhava a sua luz pelos móveis. Tudo era silêncio e tranquilidade.

Não passava muito das três horas da madrugada, quando Timóteo deu conta que a porta do quarto de Isaura se abriu. Permaneceu imóvel, debaixo dos lençóis. De repente, sentiu entrar-lhe na cama um corpo quente envolvido numa camisa comprida de cambraia. E sentiu também os cabelos negros de Isaura roçarem-lhe as faces do rosto. O coração do lavrador começou a bater a toda a brida. A claridade da Lua permitia-lhe ver, em todo o seu esplendor, o corpo redondo de Isaura. Ela, que nada trazia vestido por baixo da camisa de noite, desnudou-se completamente. Em seguida, desapertou o pijama de Timóteo, abstraindo-se de que aquele pijama foi usado muitas noites pelo seu defunto marido. O púbis peludo de Isaura percorria agora as coxas do lavrador, que sentiu, pela primeira vez na sua vida, as entranhas molhadas de uma mulher.

Entrelaçaram os seus corpos até ser manhã. Enquanto tinha Isaura nos seus braços, Timóteo percebeu que a vida é feita de um destino que não está nas cartas das bruxas, mas também parece não estar na vontade dos homens.

Isaura não foi distribuir pão naquela manhã. Quando o sol tomou o lugar da Lua, e a pequena sala começava a aquecer, os amantes caíram num sono profundo, do qual só emergiram por volta das onze horas. Abraçaram-se e beijaram-se mais uma vez. Mal terminou este beijo, Timóteo perguntou à mulher que lhe roubou a virgindade:

- Ó Isaura, tu queres ir comigo para a minha terra e vivemos lá os dois?

- Quero, Timóteo...

